

O VIDEO COMO INSTRUMENTO PARA MELHOR COMPREENDER OS
REFLEXOS DA DITADURA MILITAR NA EDUCAÇÃO – Reminiscências dos
professores da cidade de Sobradinho – RS

Cleonice Klotz¹
Cassiano Scherner²

RESUMO

O futuro antecipa-se diariamente através de inúmeros artefatos tecnológicos, em todas as áreas do conhecimento. Na educação também. Apresenta-se como necessidade cotidiana, motivos vários que permitem discutir, pensar, repensar e propor possibilidades de efetivar o ensino de componentes escolares, como a disciplina de História, sabendo que as novidades tecnológicas ocupam sobremaneira o imaginário juvenil. Na mesma proporção em que as novidades surgem, amplia-se o desafio dos educadores em despertar interesse por acontecimentos históricos, a exemplo da Ditadura Militar, que marcaram e constituem a história do nosso país. Questões inerentes a esse processo são tratados nessa pesquisa que tem como objetivo analisar e compreender os reflexos da ditadura militar no ensino da história, através de uma pesquisa bibliográfica e de campo, a segunda tendo como instrumento de pesquisa uma entrevista com professores da cidade de Sobradinho-RS, pretendendo contribuir com a comunidade acadêmica e escolar na busca por transformar o processo de ensino-aprendizagem um movimento que implique uma visão holística sobre os processos já vivenciados e os que constituímos no nosso fazer diário, seja como educandos, seja como educadores.

Palavras - chave: História Local, Educação e Ditadura Militar

SUMMARY

The future is anticipated daily through countless technological artifacts in all areas of knowledge. In education too. It is presented as a necessity everyday, discusses several reasons to think, rethink and propose possibilities for effective teaching school components, such as the discipline of history, knowing that the technological innovations greatly occupy the imagination of youth. In proportion as the news come, extends the challenge educators to awaken interest in historical events, such as the military dictatorship, which are marked and the history of our country. Issues inherent in this process are treated in this study that aims to analyze and understand the consequences of the military dictatorship in the teaching of history, through a literature search and field, the second as a research tool with an interview with the city's teachers Sobradinho - RS, intending to contribute to the academic community and the school seeks to transform the teaching-learning process of a movement that involves a holistic

¹ Acadêmica do Curso de Especialização em Mídias na Educação – EAD – UFSM.

² Professor Orientador do Curso de Especialização em Mídias na Educação – EAD – UFSM.

view on the processes already experienced and that we form in our make every day, either as students or as teachers.

Words - key: Local history, Education and Military dictatorship

INTRODUÇÃO

A relação do homem com o passado representa uma busca constante pela própria identidade pois sabendo sua origem, compreenderá sua realidade e conseqüentemente saberá sobre o seu futuro.

Diante desta realidade, o estudo da História lança o desafio de combater o esquecimento num esforço comum que busca preservar a memória coletiva, que é a base para a afirmação da identidade cultural de um povo, utilizando para isso os recursos tecnológicos como as mídias, destacando a mídia vídeo, o que torna esse processo mais atrativo no cotidiano escolar.

Este texto se propõe a definir os reflexos da ditadura militar no ensino da história, utilizando o registro videográfico como ferramenta de pesquisa, para a realização de entrevistas resgatando as memórias dos professores da cidade de Sobradinho RS. Para tanto, entende-se que a utilização da entrevista servirá como instrumento de estudo do passado recente, podendo esta servir de material didático/ pedagógico no ensino da História no que se refere ao período da Ditadura Militar (1964-1984) e seus reflexos nesta região.

Dadas as questões evidentes que caracterizam a nova modalidade de realidade escolar, entendemos que é imprescindível a incorporação de novos artefatos, inclusive os tecnológicos, para tornar eficiente e efetivo o processo ensino-aprendizagem que implicam o estudo de História. Assim, o presente estudo justifica-se pela necessidade de conhecermos a história local em que estamos inseridos podendo compreender melhor a história regional, estadual e nacional e situar-nos num contexto histórico mais amplo, através da construção da escrita videográfica.

1. A FUNÇÃO DA HISTÓRIA

A responsabilidade da História é não deixar a sociedade esquecer o passado, Conforme Hobsbawm (1995):

A destruição do passado, ou melhor, dos mecanismos que vinculam nossa experiência pessoal à destruição do passado — ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas — é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século xx. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tomam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio. (HOBSBAWM, 1995, p.13)

O autor cita que os historiadores têm o objetivo de lembrar tudo aquilo no qual não pode ser esquecido, pois o jovem não traz consigo o conhecimento, isto é, assim como todos os mecanismos de informações, a função dos historiadores é relevante para demonstrar as experiências vividas nas outras gerações. Hobsbawm cita a palavra destruição a fim de demonstrar que a informação não pode se perder, pois o presente está contido no passado, ou seja, os erros não poderão ser repetidos.

Na concepção de Hipolide (2009) a função da História, desde seu início, foi a de fornecer à sociedade uma explicação de suas origens (ou seja, uma explicação genética).

A história se coloca hoje em dia cada vez mais próxima às outras áreas do conhecimento que estudam o homem (a sociologia, a antropologia, a economia, a geografia, a psicologia, a demografia etc.), procurando explicar a dimensão que o homem teve e tem em sociedade. Cada uma dessas áreas tem seu enfoque específico. Uma visão mais ampla e mais completa, entretanto, exige a cooperação entre as diversas áreas. Isso tem sido tentado pelos estudiosos com maior ou menor êxito, no chamado trabalho interdisciplinar, pois inclui diferentes disciplinas. (HIPOLIDE, 2009, p.23).

Hipolide (2009, p.23) acredita que a História procura especificamente ver as transformações pelas quais passaram as sociedades humanas. A transformação é a essência da História; quem olhar para trás, na história da sua própria vida, compreenderá isso facilmente. Nós mudamos constantemente; isso é válido para o indivíduo e também é válido para a sociedade. Nada permanece igual e é através do tempo que se percebem as mudanças.

Em Rüsen (1992), são quatro tipos de consciência histórica:

A tradicional (a totalidade temporal é apresentada como continuidade dos modelos de vida e cultura do passado); exemplar (as experiências do passado são casos que representam e personificam regras gerais da mudança temporal e da conduta humana); crítica (permite formular pontos de vista históricos, por negação de outras

posições); e genética (diferentes pontos de vista podem ser aceitos porque se articulam em uma perspectiva mais ampla de mudança temporal, e a vida social é vista em toda sua complexidade). (RUSEN, 1992, p.72)

Já para Jacques Le Goff (1990):

A história recolhe sistematicamente, classificando e agrupando os fatos passados, em função das suas necessidades atuais. É em função da vida que ela interroga a morte. Organizar o passado em função do presente: assim se poderia definir a função social da história. (LE GOFF, 1990. p.26)

O autor retrata que os fatos passados se entrelaçam com o futuro, as guerras são exemplos de como não se resolve as diferenças. Lê Goff da o sentido social para história, isto é, as necessidades de hoje pode-se repensar nos erros já cometidos. Rever os fatos e separar o certo do errado é o modo mais simples para definir o que será feito no presente.

Finalmente, ressalta Fonseca (2009):

Ensinar e aprender História no atual contexto sociopolítico e cultural requer que retomemos uma velha questão, que é o papel formativo do ensino de História. Devemos pensar sobre a possibilidade educativa da História, ou seja, a História como saber disciplinar que tem papel fundamental na formação do homem, sujeito de uma sociedade marcada por diferenças, desigualdades e contradições múltiplas. Muito além da simples memorização mecânica de datas, fatos, acontecimentos e nomes de personagens, precisamos questionar e buscar compreender o como e o porquê das experiências históricas. (FONSECA, 2009, p.83)

Revisando a literatura sobre a História da Educação, tomamos como referência Selva Fonseca (2003) que identifica relações importantes entre o ensino de história e a construção da cidadania. Essas relações assumem diferentes configurações nos diversos contextos políticos.

De acordo com esta autora:

“No projeto educacional implementado nos anos 60 e 70, durante a ditadura militar, a história ensinada na escola fundamental e média foi estrategicamente atingida de diversas formas como a abordagem de assuntos em sala de aula com conteúdo político. Por meio dos estudos sociais, foi imposta uma diluição do objeto de estudo da história e também da geografia, privilegiando um conteúdo voltado para a informação cívica e o ajustamento dos jovens de acordo com os objetivos e interesses do Estado, moldados pela doutrina de segurança nacional e de desenvolvimento econômico” (FONSECA, 2003, p.90).

Ocupa lugar comum afirmar que a globalização da economia e o rápido avanço tecnológico têm produzido mudanças aceleradas e contínuas. A velocidade da vida contemporânea imprime um ritmo tão acelerado de mudanças que por vezes somos levados a

crer que valores como afetividade, espiritualidade e valores morais já não teriam espaço nesses dias, e que a história que nos constitui cidadãos já não interessa tanto. Na contramão dessa perspectiva, os educadores da disciplina de História se vêem diante de mais um desafio: levar a efeito seus propósitos como educadores encontrando uma forma diferenciada de apresentar elementos históricos ao público estudante como algo importante, interessante e necessário para tais. As tecnologias digitais, nos espaços escolares onde elas estão disponíveis, são uma importante ferramenta.

Podemos dizer que o atual estágio em que se encontra a sociedade é conhecido como a era da informação, essa passa a ser o capital mais importante: conhecer é ter poder. E o conhecimento exponencial da informação aponta para a impossibilidade do seu total domínio. Mas, mais importante do que dominá-la, é saber localizá-la, sintetizá-la, e utilizá-la de forma inteligente, o grande desafio é converter informação em conhecimento. Assim é necessário que todos tenham a possibilidade de utilizar a informação de forma reflexiva e a tecnologia é uma poderosa aliada nesse processo. (SONZA, 2008).

Segundo Sonza (2008), o conhecimento está diretamente relacionado com o poder, o poder da informação e a utilização do mesmo é o que vai determinar, a qualidade de vida do cidadão, sendo que o estudo da História não pode ficar a margem deste processo, para tanto é necessário frisar a importância do uso das mídias neste processo.

O processo de redemocratização institucional do Brasil a partir de 1984 implicou uma série de debates e propostas sobre o rumo da educação no país. A proposta curricular dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) rearticulou as ideias de “ensino para todos” pretendendo valorizar e melhorar o ensino público.

O ensino e o estudo de história como disciplina escolar foi fortemente influenciado pelo contexto histórico. Até o início do século XX, as aulas de História eram baseadas na memorização e repetição oral de textos escritos. Quase não existiam materiais didáticos e transmissão dos conteúdos ficava unicamente sob a responsabilidade do professor.

Aprender e ensinar história não estão somente no decorar, ou seja, saber o contexto social, político, econômico nos faz entender que o presente é a evolução do passado, e nos deparar com inúmeras culturas. A disciplina história tem um papel mais importante que apenas informar, é a busca da compreensão humana perante a vida, e, assim a resolução de problemas como as fobias, e contradições filosóficas, o modo mais fácil de tentar entender e compreender as diferenças.

Desse modo, o papel da disciplina de história no ensino regular ficou marcado durante quase todo o século XX por um ensino de fatos históricos pontuais e centralizados em personagens e símbolos nacionalistas, algumas vezes com forte caráter de formação ideológica.

Ensinar história passa a ser então, segundo Brodbeck (2009, p.48) “fornecer condições para que o aluno possa participar do processo de ensino-aprendizagem na escola, uma vez que, ao longo do tempo, a disciplina cumpriu diferentes papéis na formação escolar”.

Considerando que o aluno é participante do processo de construção da história, é impossível imaginar esse processo sem a utilização das mídias dentro do contexto escolar.

A escrita videográfica na pesquisa histórica implica na elaboração de um novo tipo de texto histórico que considere na sua produção a natureza do tipo de enunciação da fontes trabalhadas. Assim as fontes orais, visuais e sonoras, para serem objeto de reflexão historiográfica e comporem o texto histórico, devem ter sua substancia de expressão preservada. As estratégias de elaboração dessa nova modalidade de escrita da história contam com a ampliação do dialogo entre conhecimento histórico e produção audiovisual, através do trabalho em parceria de historiadores e profissionais de cinema. (DUMAS,2006).

Segundo Dumas(2006),a pesquisa em história contemporânea instiga as idéias a cerca da abordagem historiográfica tanto do ponto de vista teórico, quanto do manuseio deste tipo de fonte, habilitando os alunos a identificar alternativas de pesquisa em história. Para tanto é necessário que se proporcione aos alunos meios midiáticos para o desenvolvimento de pesquisas no campo historiográfico, considerando principalmente a mídia vídeo, entendendo que esta é de mais fácil acesso.

2 A HISTÓRIA LOCAL E ORAL NESTE CONTEXTO

2.1 História Local

A história local, muitas vezes passa despercebida dentro da realidade escolar, devido a vários fatores como o desconhecimento e desvalorização. Para Schimidt e Cainelli:

Um dos principais problemas relacionados ao uso da história local no ensino da História é a definição e a abrangência desse conceito. De modo geral as obras sobre história local reportam-se à história de pequenas localidades, escritas por pessoas de diferentes segmentos sociais não necessariamente historiadores. Esse fato tem provocado várias críticas e até descaso pelos conteúdos da história local (SCHIMIDT E CAINELLI, 2010, p.102)

Em relação à transposição didática do procedimento histórico, procura-se uma significação diferente. Busca-se a realização, na sala de aula, da atividade do historiador, a articulação dos elementos constitutivos do saber histórico com os do fazer pedagógico. Assim, o objetivo é fazer o conhecimento histórico ser ensinado de tal forma que dê ao aluno condições de participar do processo do fazer, do contar e do narrar a história.

Atualmente, na produção historiográfica algumas obras indicam novo enfoque sobre a história local, motivado, principalmente pelo interesse pela história social, ou seja, pela intenção de recuperar a história das sociedades como um todo, a história das pessoas comuns (SCHMIDT E CAINELLI, 2010, p.137).

Ao considerarmos um local para estudo, estamos delimitando um espaço, considerando um determinado grupo de pessoas, que ocupa este mesmo espaço em um determinado tempo. Este grupo de pessoas mantém relações entre si, assumindo certas características que lhe são dadas também pela forma de relações que estabelecem com o restante do mundo. Em outras palavras, não é um espaço que, por ser delimitado, está isolado; as relações que se estabelecem aí entre as pessoas não ocorrem só ali e nem apenas por elas mesmas, e o tempo vivido em determinado momento não se pode desprender do tempo passado, nem do futuro.

[...] ao propor o ensino da história local como indicador da construção de identidade, não se pode esquecer de que, no atual processo de mundialização, é importante que a construção de identidade tenha marcos de referências relacionais, que devem ser conhecidos e situados, como o local, o nacional, o latino-americano, o ocidental e o mundial (SCHMIDT; CAINELLI, 2004. p. 112).

É imprescindível assim que alguns aspectos sejam analisados ao propor a maneira da história local no ensino de história. Primeiramente a comunidade local está inserida em um contexto mais amplo de que se relaciona com outras localidades. Em seguida deve-se considerar que no atual processo de globalização é importante que a construção de identidade tenha limites de referencia relacionais que devem ser manifestos e colocados, como o lugar, o nacional, o latino-americano, o ocidental e o mundial. Diante disso é necessário localizar-se dentro do contexto histórico para que haja melhor compreensão do tema abordado.

Fonseca (2008, p.125) concorda que “o local e o cotidiano da criança e do jovem, constituem e são constitutivos de importantes dimensões do viver, logo, podem ser problematizados, tematizados e explorados no dia a dia da sala de aula, com criatividade, a partir de diferentes situações”.

Não nos interessa apenas descrever paisagens naturais e culturais, elencar nomes de heróis, datas, fatos, pois o nosso foco neste momento é o processo de construção desse espaço e dessa sociedade. Buscar os mecanismos que interferem neste processo, conhecer os instrumentos utilizados, e estudar o município como o local onde se reproduz a construção da sociedade e do território brasileiros, num determinado espaço e tempo. Nem o tempo é alheio, nem o espaço é neutro, pelo contrário, são inteiramente comprometidos com as pessoas que ali vivem, que são pessoas concretas, não apenas números ou homens abstratos, que vivem politicamente, situados econômica e socialmente numa determinada porção do território brasileiro.

2.2 História Oral

Tão importante quanto a história local é a história oral para que se tenha uma melhor compreensão dos fatos históricos, pois é através da compreensão que se tem consciência que se é agente da própria história. Através da história oral, muitas vezes contada pelos próprios avós, tem-se outra visão de fatos históricos dos livros de história, como no caso da Ditadura Militar.

A história oral de vida constitui-se de vários tipos de relato dos sujeitos históricos, acerca da própria existência, pelas quais se podem conhecer suas relações com seu grupo de pertencimento, de profissão, de classe e da sociedade em que vivem, instituindo-se como importantes memórias sobre o passado (SCHIMIDT E CAINELLI, 2010, p.162).

Para Thompson (1992), a história oral pode ser vista como uma maneira de derrubar barreiras que existam entre as gerações, entre professores e alunos, entre as escolas, entre a sociedade no geral, devolvendo as pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. Assim, a história oral pode transformar tanto o conteúdo como a finalidade da história. Ela não é necessariamente um instrumento de mudança, pois depende da forma com que ela é utilizada.

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria vida e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo (...). Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade (THOMPSON, 1992, p. 44).

Schmidt e Cainelli (2004, p.130) observam que a opção pelo trabalho com a oralidade no ensino de História precisa considerar que a reflexão acompanha todo o processo, e não ocorre somente a *posteriori*. Ademais, é necessário entender que o trabalho com a oralidade

consiste numa fonte diferenciada para a capacitação de informações, a qual está muito relacionada com o estudo da história local.

A visão de história oral de Thompson (1992) é a seguinte:

Ajuda os menos privilegiados e, especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia e contato – e, pois, a compreensão – entre as classes sociais e as gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história (THOMPSON, 1992, p.44).

Por meio da história oral, os alunos percebem que a história não é algo considerado definido, concreto, de difícil interpretação. Neste sentido, Thompson (1992, p.30) afirma: “Pelo sentimento de descoberta nas entrevistas, o meio ambiente imediato também adquire uma dimensão histórica viva: uma percepção viva do passado, o qual não é apenas conhecido, mas sentido pessoalmente.”

Com relação a elaboração do roteiro de entrevistas aponta por Thompson, está voltada para o cotidiano e para a realidade vivenciada por professores que trabalharam no período da Ditadura Militar (1964 – 1984). Através dessa pesquisa, é possível uma comparação entre os dados obtidos durante a pesquisa, e o conteúdo estudado nos livros didáticos, identificando se existe alguma semelhança entre ambos.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo para obter o embasamento teórico a cerca do tema a ser pesquisado visando alcançar os objetivos propostos.

A pesquisa de campo foi realizada com professores locais, pertencente a uma faixa etária entre 65 e 75 anos, das redes municipais e estaduais. O campo da história oral se caracteriza pela interdisciplinaridade e pela abertura de novas possibilidades de escrita da história. Nesse sentido pode ser considerado o espaço ideal para a produção renovação e dinamização das práticas historiográficas, uma das principais tendências é a vídeohistória que

leva a refletir sobre as modalidades de linguagem documental e utilizar o vídeo em entrevistas de história oral.

Ouvir e aprender com os mais velhos eram práticas comuns do passado. Hoje o ritmo acelerado do trabalho e a nova configuração da família permitem cada vez menos situações diretas de trocas pessoais. A história oral vem, de certa forma, preencher este vazio. Ela surge em 1950 nos Estados Unidos, na Europa e no México com o gravador. O equipamento possibilita o registro e a edição das entrevistas. Hoje a gravação de imagens em vídeo, as fotografias e a internet mudaram radicalmente a relação com a informação. Na medida do possível, todos esses meios podem e devem ser utilizados pela escola na transmissão dos relatos. (Bencini, 2012)

Bencini(2012) ao se referir ao ritmo acelerado de trabalho em detrimento da valorização de relatos orais, coloca o resgate e o registro do mesmo com vídeo, fotografia e internet como instrumento de aprendizado a serem utilizados na escola, considerando a importância destes recursos e a valorização dos mesmos foi feita uma entrevista com amostra de professores. Isto objetivava reunir diversos relatos, contra ou a favor do comportamento da época, transmitindo através de suas vivências, impressões e sentimentos, considerando a memória como uma riquíssima fonte de pesquisa.

Participaram assim, 19 professores, que foram questionados sobre a educação durante a Ditadura Militar, fatos ocorridos, como era a comunidade e se presenciou seu desenvolvimento, utilizando como ferramenta de pesquisa entrevista, essa orientada, tendo um questionário como roteiro. Vale salientar que o modo de fazer história e as práticas que vem se consolidando nos últimos anos no tratamento associado das fontes orais e visuais através da elaboração de uma escrita videográfica da história, o que fez toda diferença nesta prática pedagógica. Apesar de várias solicitações terem sido feitas, somente um dos entrevistados concordou em participar de um vídeo relato.

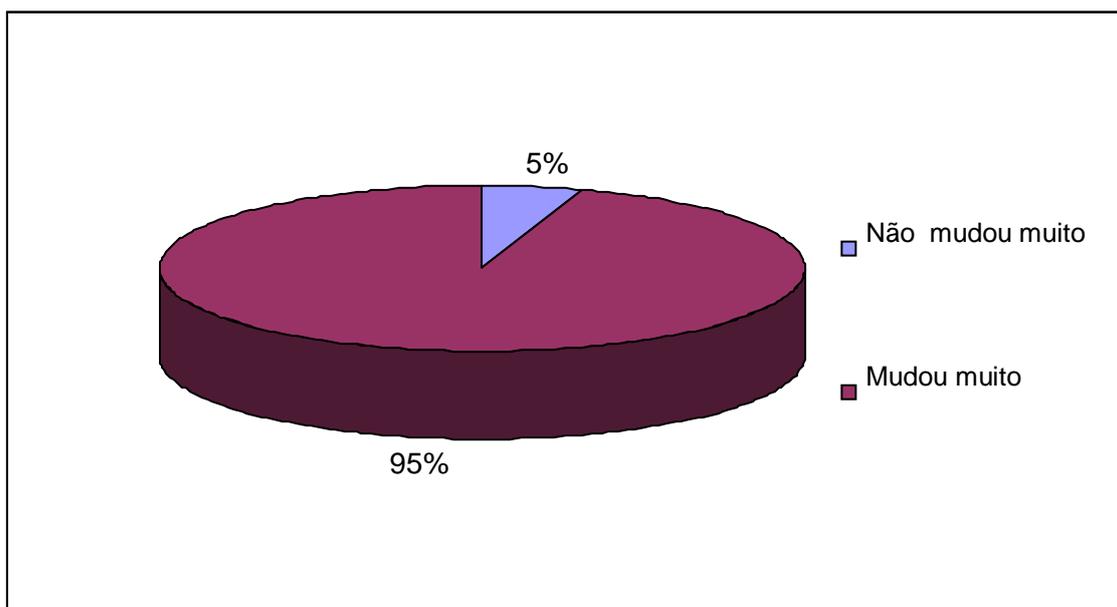
4 RESGATE DA MEMÓRIA LOCAL

O trabalho a seguir é resultado de pesquisa feita com professores aposentados residentes na cidade de Sobradinho, que vivenciaram o período da História do Brasil, período entre 1964 e 1984, período em vigência da Ditadura Militar, e os reflexos deste no meio educacional. Como ferramenta de pesquisa, foi aplicado um questionário para uma amostra de 19 professores, entre 65 e 75 anos. Considerando a importância das mídias no cotidiano escolar e visando uma melhor compreensão do período em questão, destaca-se a elaboração

da escrita videográfica da história como resultado de pesquisas com fontes orais e visuais, ao ser elaborada uma entrevista com as mesmas questões, gravada em DVD.

Inicialmente foi perguntado aos entrevistados o que eles percebem como uma mudança importante no contexto da educação no período da ditadura militar, como era antes e o que mudou depois do golpe. Cinco por cento dos entrevistados afirmaram que não mudou muito no contexto da educação durante o período da ditadura militar, porém, 19 entrevistados, o que representa 95% (noventa e cinco por cento) da amostra, afirmou que mudou muito no período de transição anterior e posterior ao golpe militar de 1964.

Figura 1 – Mudança no contexto da educação no período da ditadura.



Segundo Fonseca (2003) uma das maiores evoluções foi a do pensamento crítico entre as décadas de 1970 e 1990 articularam-se com a entrada, no Brasil, das pesquisas em Psicologia da Educação, que aprofundaram a preocupação com o desenvolvimento cognitivo, físico e afetivo da criança.

Partindo destas perspectivas, pensar o uso das mídias em ações didático pedagógicas implica levar em consideração questões relevantes, principalmente sobre o papel docente e discente frente ações desenvolvidas na escola.

Outro questionamento foi se de uma forma geral os professores estavam prontos para as mudanças que ocorreram e a resposta negativa foi unânime.

Na perspectiva de Almeida e Moram (2005, p. 20) essa nova cultura telemidiática, ou seja, essa nova forma de estar no mundo, está a desafiar professores, alunos, sistemas de ensino. Todos podem aprender com a televisão que, aliada a outras técnicas, estão aí exigindo uma nova postura educacional da sociedade.

Foi solicitado aos entrevistados para falar sobre a forma como as aulas se desenvolviam durante a ditadura e para esta questão três respostas foram obtidas, sendo que 5 (cinco) dos entrevistados afirmaram que seguiu tudo como era antes, o que representa 25% (vinte e cinco por cento) da amostra. 10 (dez) dos entrevistados afirmaram que foi normal desde que não falasse do governo, o que representa 50% (cinquenta por cento) da amostra. Outros 5 (cinco) entrevistados afirmaram que incluíram a disciplina de OSPB (Organização Social E Política Do Brasil), o que representa 25% (vinte e cinco por cento) da amostra.

Nemi (2009) aponta que já a partir da década de 1930, a Escola Nova, procurou substituir esse ensino passivo por outro que ela denominava ativo. Onde seria incentivado a observar, indagar e investigar para construir o conhecimento e solucionar os problemas. Ao simples uso da razão-memorização da escola tradicional, a Escola Nova após a tríade razão, ação e sensibilidade.

Integrar tecnologias, metodologias, atividades. Integrar texto escrito, comunicação oral, escrita, hipertextual, multimídia. Aproximar as mídias, as atividades, possibilitando que transitem facilmente de um meio para o outro, de um formato para o outro. Experimentar as mesmas atividades em diversas mídias. Trazer o universo do audiovisual para dentro da escola.

Almeida e Moram (2005, p. 19) argumentam:

“Talvez o grande desafio para a educação na sociedade telemidiática seja justamente o de estimular a expressão dessa complementaridade que permanece, muitas vezes, latente entre a educação e as mídias, em especial a televisão, por ser aquela que, consegue alcançar o maior número de pessoas e compõe, de igual maneira, o cotidiano de professores e alunos, supera a hierarquia imposta pela escola e transforma todos os envolvidos no processo em telespectadores dos mesmos programas, das mesmas imagens e sons”. (Almeida e Moram,2005,p.19)

Assim, entende-se que, se bem utilizado, esses recursos podem conduzir a uma aprendizagem significativa, em que os estudantes se envolvem com o conteúdo, o que se opõe à metodologia aplicada na educação tradicional, calcada na memorização.

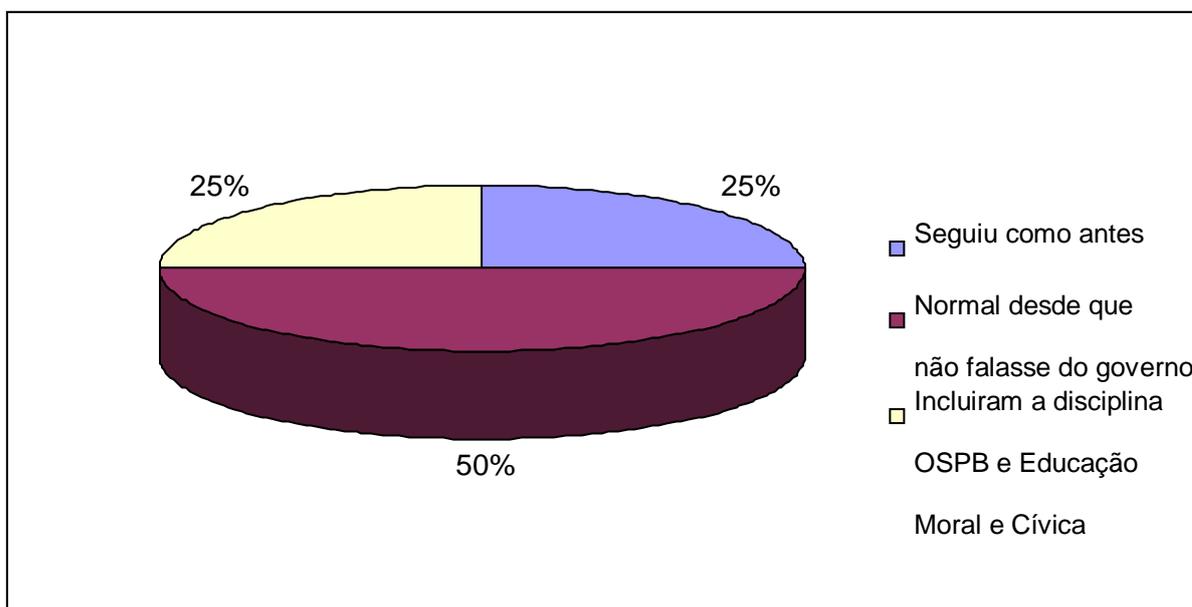
Esta autora explica que:

Pretendiam os escolanovistas preparar o aluno para uma vida atuante por meio do estudo dirigido. Nesse sistema, o aluno recebe um caderno com questões e respostas, consulta a resposta correta para cada questão e testa seus conhecimentos, adquiridos em pesquisa e experiências. Assim, ele seria agente de seu conhecimento, mas não iria além das próprias possibilidades. Também não seria colocado diante de obstáculos intelectuais que estivessem fora do seu campo de referências pessoais (NEMI, 2009, p.56).

Nesse sentido, a Escola Nova acabou por idealizar a capacidade do aluno de construir seu próprio conhecimento, sendo aos professores delegado a laicidade sendo que ao educando, foi lhe dado a possibilidade de propor objetivos educacionais em sua ótica pessoal, acabou por impedir que ampliasse suas vivências e experiências.

Os comunicadores dessa nova geração, ou seja, os inúmeros recursos da era da comunicação informatizada, tornam-se de alguma maneira novos educadores, positivos ou não, tornando-se grandes mestres, independentemente do papel do educador tradicional. As multimídias são ótimos recursos para mobilizar os alunos em torno da problemática quando se deseja despertar o interesse dos mesmos

Figura 2 – O que mudou no contexto da educação no período militar da ditadura.



Na seqüência foi questionado como os professores receberam as mudanças causadas pelo Golpe Militar. 1 (um) entrevistado afirmou eu não houveram mudanças, o que representa 5% (cinco por cento) da amostra; 11 entrevistados afirmaram que ao receber as mudanças causadas pelo Golpe Militar ficavam bem quietos com medo de perder o emprego, o que representa 55% (cinquenta e cinco por cento) da amostra; os outros 8 (oito) entrevistados afirmaram que recebiam as mudanças em silêncio sem questionar o DOPS, o que representa 40% (quarenta por cento) da amostra.

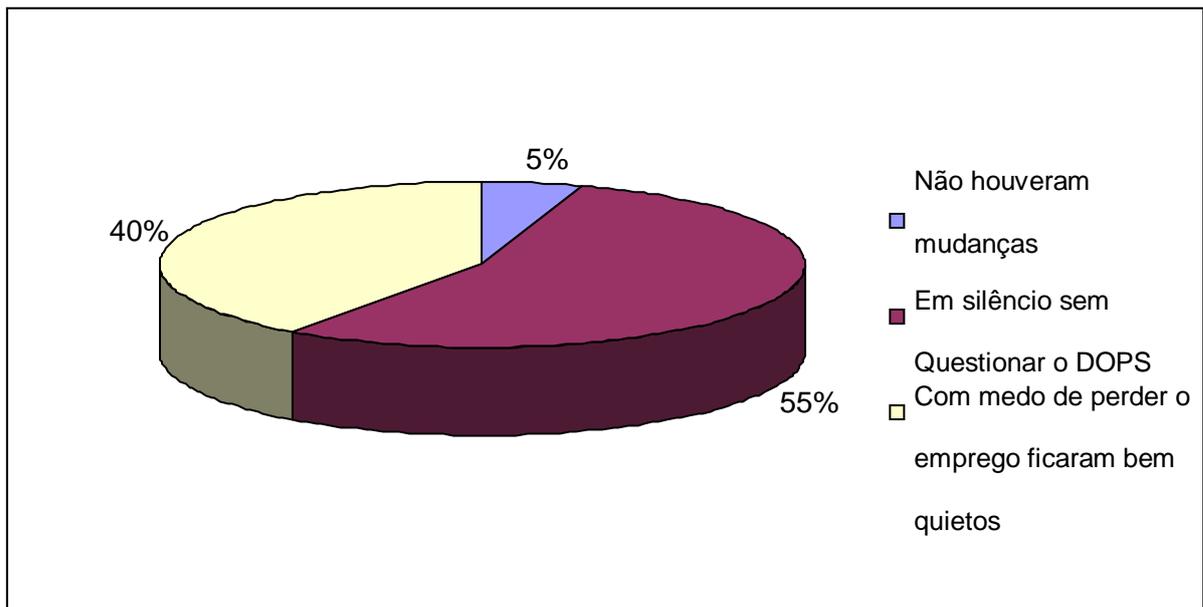
É fundamental que o educador saiba como o conhecimento histórico é produzido para poder ensiná-lo segundo pressupostos críticos.

Sobre esta questão, Schmidt e Cainelli comentam:

Em meados da década de 1980, em vários estados brasileiros, foram organizadas reestruturações curriculares. Esse momento foi marcado por discussões e debates em torno do ensino da História, as quais giravam, principalmente, sobre as novas concepções que deveriam servir de referência para os conteúdos e as metodologias de ensino. O grande marco dessas reformulações concentrou-se na perspectiva de recolocar professores e alunos como sujeito da história e da produção do conhecimento histórico, enfrentando a forma tradicional de ensino trabalhada na maioria das escolas brasileiras, a qual era centrada na figura do professor com o transmissor e na do aluno como receptor passivo do conhecimento histórico. Travou-se um empate contra o ensino factual do conhecimento histórico, anacrônico, positivista e temporalmente estanque (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p.12).

Segundo os mesmos autores, atualmente, a preocupação com a importância do conhecimento histórico na formação intelectual do aluno faz com que um dos objetivos fundamentais do ensino seja o de desenvolver a compreensão histórica da realidade social. Assim, compreender a história com base nos procedimentos históricos tornou-se um dos principais desafios enfrentados pelo professor no cotidiano de sala de aula. Esse desafio é um passo interessante na construção de uma prática de ensino reflexiva e dinâmica. Podendo-se afirmar que ensinar história é fazer o aluno compreender e explicar, historicamente, a realidade em que vive.

Figura 3 – como os professores receberam as mudanças causadas pelo Golpe Militar.

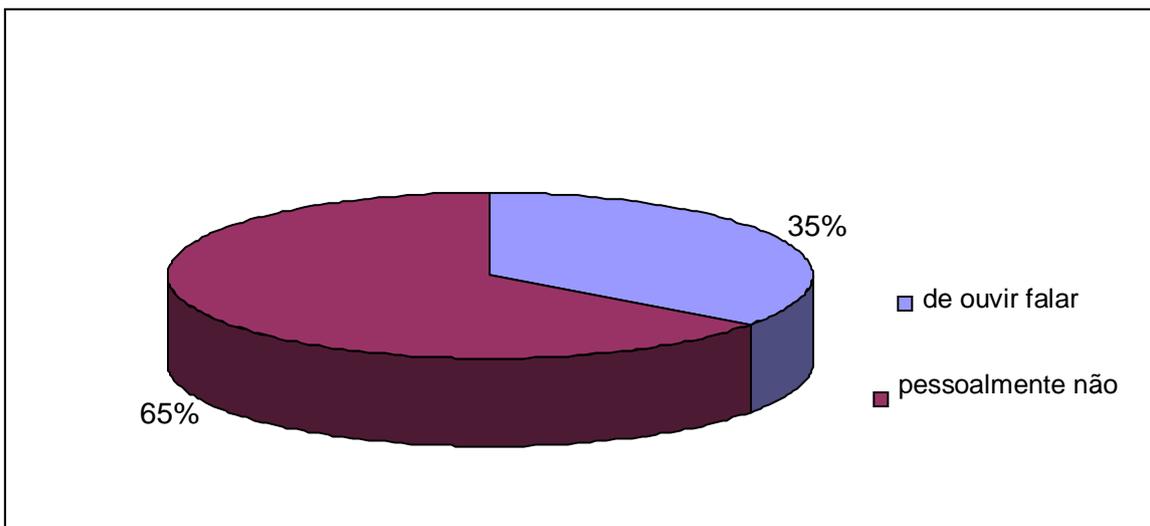


Por fim o questionário indagava os professores se lembravam de algum fato marcante em que se sentiram constrangidos ou ameaçados pela ditadura, 7 (sete) entrevistados afirmaram que souberam de ouvir falar, o que representa 35% (trinta e cinco por cento) da amostra; os outros 13 (treze) entrevistados afirmaram que pessoalmente não passaram por nenhuma situação ou fato marcante em que se sentiram constrangidos ou ameaçados pela ditadura, o que representa 65% (sessenta e cinco por cento) da amostra.

Bello (2008) aponta para o fato de que:

Se no período da ditadura militar a liberdade de expressão era definida por condições explícitas, atualmente nossa liberdade de expressão é definida por condições implícitas. Na vigência do regime militar sabíamos o que podíamos dizer, o que não podíamos e quais as conseqüências por dizer. Atualmente não sabemos mais o que podemos dizer, se podemos dizer, quando podemos dizer e, o que é mais grave, não sabemos quais as conseqüências por dizer. Ou seja, a ditadura se consagrou em todos os níveis da sociedade de forma sutil e descarada. Vivemos ainda hoje num regime de medo e silêncio imposto. Eu mesmo não sei quais as conseqüências que poderei sofrer em escrever estas linhas aqui (BELLO, 2008, p.04).

Figura 4 –Fatos marcantes no período da ditadura.



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A caminhada que a humanidade fez explica muito sobre a própria humanidade, assim como o que uma pessoa faz explica muito sobre ela. É a caminhada da humanidade que damos o nome de processo histórico. O ensino de História é, portanto, um processo de transformações e adaptações ao longo do tempo. O papel do educador é fundamental nesse processo, pois é através desta intermediação o aluno saberá interagir na sociedade democraticamente questionando situações que lhes são impostas, de maneira consciente e responsável, para que não se deixem levar por opiniões que lhe são contrárias.

Sabe-se que a Ditadura Militar deixou muitas cicatrizes, pois, os direitos individuais foram abolidos. Cabe ressaltar, que o presente estudo não teve a pretensão de julgar bons ou ruins os métodos e práticas de ensino de história na época da ditadura militar, e sim, analisar as consequências destes para o ensino atual. Conforme a opinião das pessoas entrevistadas, o direito que mais foi ceifado durante a ditadura foi o de expressão, silenciando manifestações artísticas e culturais da época.

Alguns entrevistados observaram que muita coisa permanece igual nos dias atuais, ou seja, vemos e ouvimos em todo lugar, pronunciamentos em prol da liberdade de expressão. Podemos dizer que a herança da Ditadura Militar repercute em todos os sistemas, inclusive o educacional até os dias de hoje.

Não se pode esquecer que o professor está exposto a uma realidade de confronto entre diferentes tipos de saberes, próprios da dinâmica do processo de ensino-aprendizagem. Consideramos que as novas metodologias propostas pelo ensino de História atendem melhor a necessidade de construir conceitos, mas precisamos, ao utilizarmos as mídias como recursos, evitar os riscos de banalização da própria História, pois podemos desenvolver a tendência de apenas analisarmos a atualidade sem abrir o diálogo necessário com o passado.

Não se pode indicar um único caminho que possa ser identificado como o melhor para o ensino de qualquer disciplina. No entanto, conhecer diversas possibilidades de trabalho em sala de aula é fundamental para que o professor construa sua própria prática.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth; MORAM, José Manuel. *Integração das Tecnologias na Educação. Secretaria de Educação à Distância*. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005.

BELLO, José Luiz de Paiva. Eu só queria ter o direito de ter opinião. **Repensando a educação e a democracia**. Pedagogia em Foco, Rio de Janeiro, jan. 2008. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/filos31.pdf>. Acesso em: 02-09-2011.

BENCINI, Roberta. Revista Nova Escola. Ed. Janeiro de 2012. Pesquisa feita em janeiro de 2012 disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/historia/fundamentos/passado-nao-esta-livros-historia-423062.shtml>

BRAGA, N. **O desafio da política educacional na década de 70**. Educação, Brasília, DF, v. 4, n. 15, p. 2-13, jan./mar. 1975. Pesquisado em 25/08/11, disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v28n76/a04v2876.pdf>

CORRÊA, Gilvane Gonçalves. **As reformas educacionais brasileiras**: programas de ensino em Ciências e seriação escolar. 1997. 201f. Dissertação (Mestrado em Educação) –

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 1997. Disponível em <http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/EDU/edu2014.htm>. Acesso em 28/08/2011.

Dumas, Fernando. “**Video-história e história oral: experiências e reflexões**”. Disponível em http://www.uft.edu.br/historiaoral/index.php?option=com_content&view=article&id=20&Itemid=11. Acesso em 17/01/2012.

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e Ensinar História**. Belo Horizonte, Dimensão, 2009.

_____. Revisitando a História da disciplina nas últimas décadas do século XX. In: **Didática e Prática de Ensino de História**. 7ª ed., Campinas, Papirus Editora, 2008.

GUDIN, E. **Intelectuais ou homens de Estado?**. In: GUDIN, E. Reflexões e comentários: 1970-1978. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978. Pesquisado em 27/08/11, disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v28n76/a04v2876.pdf>

HIPOLIDE, Márcia. **O ensino de História nos anos iniciais do ensino fundamental metodologias e conceitos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009. Citado em: http://acorujinha.blog.uol.com.br/arch2011-02-27_2011-03-05.html Acessado em 29/08/2011.

HOBshawm, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo. Companhia da Letras, 1995.

LE GOFF; Jacques, **História e Memória**. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990

RÜSEN, J. **Razão histórica: teoria da história; os fundamentos da ciência histórica**. Brasília, DF: UNB, 1992.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2009.

SONZA, Andréa Poletto.. **As Possibilidades Tecnológicas e a Seleção de Materiais Didáticos** Disponível em <<http://www.bento.ifrs.edu.br/ept/tese>> Acesso em jan/2012.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado. História oral**. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1992.